



Esfera Armilar – Símbolo da Universalidade
© Foto José Martins

Monumento aos Mortos da Grande Guerra do Concelho de Loures

No dia 8 de Dezembro de 1929, Domingo e Feriado Nacional – Festa de Nossa Senhora da Conceição e Padroeira de Portugal desde 1640 - a população do concelho de Loures, manhã cedo, começa a dirigir-se à Praça da Liberdade onde, em tempos existiu o Palácio do Marquês da Fronteira, conhecido por Casaréus e destruído por um incêndio e onde, em 1916, foi erigido o actual edifício da Câmara Municipal.



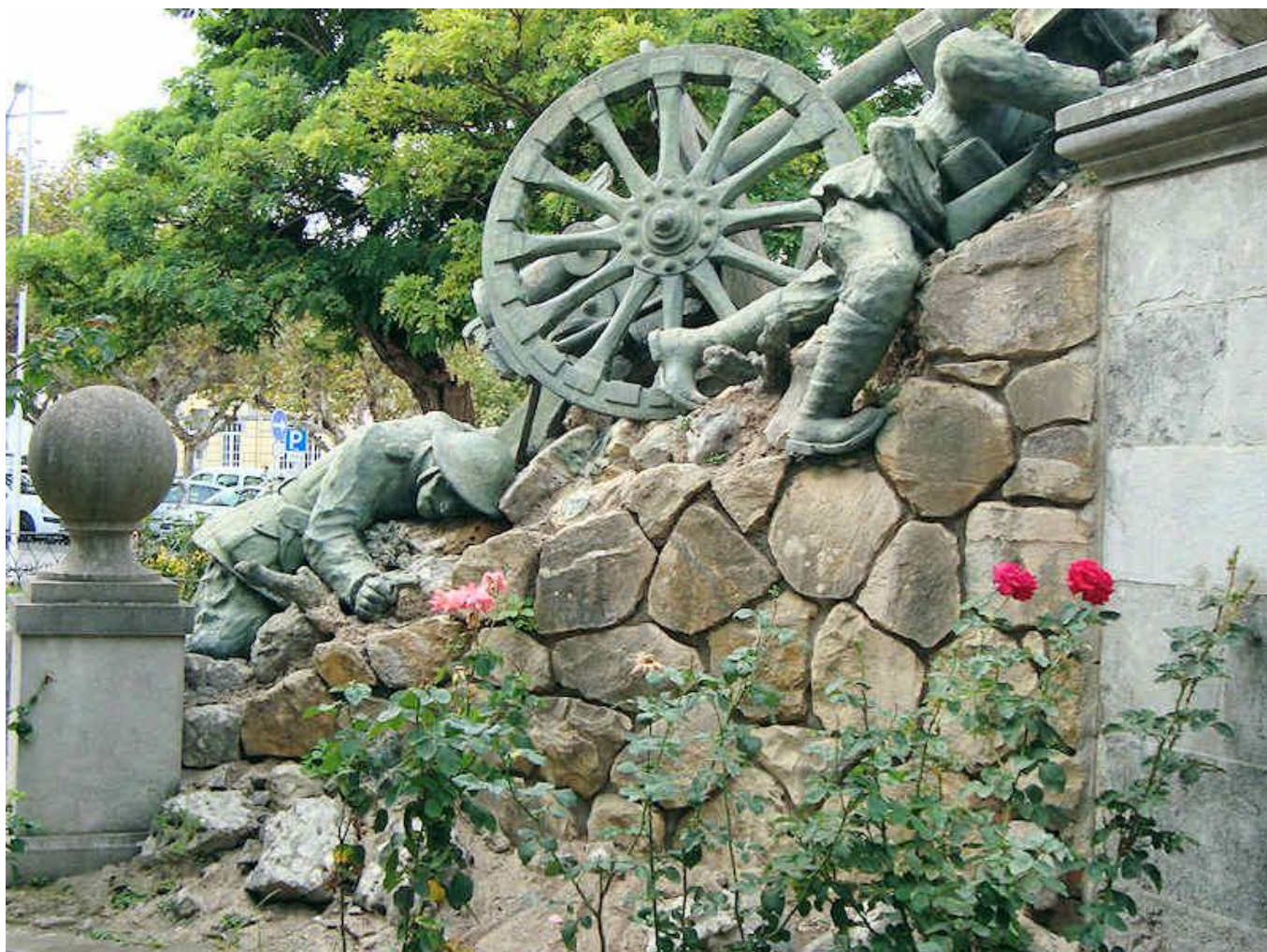
Inauguração do Monumento aos Mortos da Grande Guerra do Concelho de Loures
©Foto “Loures a preto e branco”, com a devida vénia

O então concelho de Loures, criado em 26 de Julho de 1886, era composto pelas freguesias de Apelação, Bobadela, Bucelas, Camarate, Fanhões, Frielas, Loures, Lousa, Sacavém, Santa Iria de Azóia, Santo Antão do Tojal, São Julião do Tojal e Unhos (ainda não tinham sido criados as freguesias de Portela, Prior Velho, Santo António dos Cavaleiros e São João da Talha), assim como as freguesias de Caneças, Odivelas e Póvoa de Santo Adrião, que hoje constituem o concelho de Odivelas (as freguesias de Famões, Olival Basto, Pontinha e Ramada foram criadas posteriormente)

Na Presidência da Republica Portuguesa estava o General António Óscar Fragoso Carmona, nomeado em 26 de Novembro de 1926, sendo o décimo primeiro Presidente da República Portuguesa e o primeiro do Estado Novo, sendo-lhe atribuída a patente de Marechal em 1947.

Recente era o Ministério (designação à época de Governo), o 52º, presidido pelo General Artur Ivens Ferraz, que foi nomeado e tomou posse em 08 de Julho de 1929 e foi exonerado em 21 de Janeiro de 1930, pouco mais de um mês depois deste acontecimento em Loures.

Voltando à Praça da Liberdade, mais concretamente ao jardim nela existente, que se encontrava engalanada e cheio de povo. Ao centro, da autoria do Senhor Fernando Soares, foi erigido um *“monumento aos mortos da Grande Guerra, pertencentes ao concelho. O monumento é simples, mas expressivo. Sobre alvenaria, simulando uma trincheira, está colocada uma peça de artilharia ligeira, apontada para o céu; junto dela, no rebordo da trincheira, espreitando o inimigo e pronto no último desforço, o sobrevivente do baluarte heróico; á retaguarda, inanimado, um camarada seu que dera já a vida na peleja”* (excerto da notícia inserta n’O POVO, Diário Republicano da Tarde, do dia 9-XII-1929, página 4).



Pormenor do Monumento aos Mortos da Grande Guerra - Loures

©Foto José Martins – Fevereiro de 2011

Na frente do monumento, o nome daqueles que tombaram na Flandres, na Bélgica e em África:

- **Manuel Pereira Félix**, Soldado nº 128 do Batalhão de Telegrafistas de Campanha, natural de Bucelas, tombado em França.
- **Joaquim Carlos**, Soldado nº 720 da 2ª Companhia do Batalhão de Infantaria nº 5, natural de Bucelas, tombado em França.
- **Vicente do Nascimento**, Soldado da 2ª Companhia do Batalhão de Infantaria nº 5, natural de Bucelas, tombado em África.
- **António Bruno dos Santos**, Soldado nº 321 da 1ª Companhia do Batalhão de Artilharia de Guarnição, natural de Fanhões, tombado em África.
- **Joaquim Simões Castelo**, Soldado nº 1204 do 1º Grupo de Companhias de Administração Militar, natural de Fanhões, tombado em França.
- **José Lopes Gameiro**, Soldado da 1ª Companhia do Batalhão de Infantaria nº 5, natural de Loures, tombado em França.
- **Pedro Manuel Pereira**, 1º Cabo 329 da 2ª Companhia do Batalhão de Infantaria nº 2, natural de Póvoa de Santo Adrião, tombado na Bélgica.



Nomes dos Combatentes caídos na Grande Guerra do Concelho de Loures

©Foto José Martins – Fevereiro de 2011

- **Dionísio Pedro Mendonça**, Soldado nº 316 da 4ª Companhia de Artilharia 1, natural de Póvoa de Santa Iria, tombado em África.
- **José Rodrigues Beira Alta**, 1ª Cabo nº 1931 do 1º Grupo de Companhias de Administração Militar, natural de Santo Antão do Tojal, tombado em França.

- **Narciso Dias de Carvalho**, Soldado nº 370 da 1ª Companhia de Sapadores, natural de Santo Antão do Tojal, tombado em França.
- **Jorge Alves**, Soldado nº 758 da 3ª Companhia do 1º Batalhão de Infantaria 1, natural de Unhos, tombado em França.
- **António Francisco Rosa**, Soldado de Cavalaria 4, natural de Loures, tombado em África.

O monumento foi levantado graças a subscrição pública, como era habitual, com o apoio da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, do Governo Civil e da Comissão dos Padrões de Guerra.

A Comissão dos Padrões da Grande Guerra nasceu, em 3 de Dezembro de 1921, numa reunião levada a efeito na Sala Nobre da Escola do Exército estando presentes alguns combatentes sob a presidência do General Manuel de Oliveira Gomes da Costa, comissão que, durante quinze anos, procederia ao levantamento dos Padrões da Grande Guerra, não só no espaço metropolitano, mas também nas ilhas e colónias, além de vários monumentos no sector português, na Flandres. Promoveu as cerimónias de 9 de Abril e 11 de Novembro; organizou o museu de oferendas ao Soldado Desconhecido, no Mosteiro da Batalha; tomou parte na trasladação dos restos mortais do Soldado António Gonçalves Curado, do Regimento de Infantaria nº 28 (Figueira da Foz), tendo sido o primeiro militar português a cair no primeiro conflito mundial em 4 de Abril de 1917. Os seus restos mortais chegaram a Vila Nova da Barquinha, de onde é natural, ficando sepultado no monumento/sepultura que foi erigido na povoação, quando chegou em 31 de Julho de 1929. A Comissão foi extinta em 10 de Novembro de 1936.



O Monumento frente aos Paços do Concelho.

©Foto José Martins – Fevereiro de 2011

A comissão Administrativa da Câmara Municipal, tendo à frente o 33º presidente, o Senhor Francisco Marques Beato (com mandato de 2 de Julho de 1926 a 6 de Outubro de 1931), procedeu à recepção dos convidados, no edifício da edilidade, acompanhando os mesmos para a tribuna de honra, erigida junto ao monumento cuja estrutura lembrava um castelo medieval, constituída pelos senhores Capitão Olímpio de Melo, em representação do Ministro da Guerra Coronel Amílcar Barcinio Pinto; Tenente Côrte-Real, representando o Ministro da Marinha Capitão-de-mar-e-guerra Luís António de Magalhães Correia; o Governador Militar de Lisboa, General Domingos de Oliveira; o Governador Civil de Lisboa, Tenente-coronel João Luís de Moura; o Comandante do Grupo de Artilharia Pesada nº 1, Coronel Monteiro de Barros, além de outras personalidades civis e militares.

Junto ao monumento a inaugurar, destacava-se o Estandarte da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, provavelmente dos primeiros actos oficiais a que esteve presente, já que foi aprovado e autorizada a sua utilização em 16 de Março de 1929, pela Portaria nº 5255.

No coreto já tinha tomado lugar a Banda Militar do Regimento de Sapadores de Caminho de Ferro. As corporações de Bombeiros Voluntários de Loures, Fanhões, Odivelas e Bucelas marcavam lugar na inauguração, alguns, muito provavelmente, na qualidade de bombeiros e combatentes, assim como as colectividades União Pinheirense, Academia Recreativa de Sacavém e Sociedade Zambujense. A Escola Agrícola da Paiã, assim como outras escolas do concelho, fizeram-se representar com alunos a professores.

Como era natural e previsível, os combatentes de Lisboa, Loures e Arruda, fizeram-se representar, largamente, pelos seus elementos, que tomaram lugar frente ao monumento.

Descerrado o monumento, que se encontrava coberto por um grande pano, com as cores nacionais, as bandas presentes executaram o Hino Nacional, seguido pelo terno de clarins que tocaram a marcha da continência. Os combatentes presentes levaram a mão ao peito, em continência/preito de homenagem, perante o esforço de todos os que tomaram parte no conflito e em sinal de respeito à memória dos que tombaram em campanha.



O Combatente Capitão Bastos Reis, no uso da palavra.
©Foto “Loures a preto e branco”, com a devida vénia

Como era habito, hoje em parte caído em desuso, todos os homens descobriram a cabeça. No ar evolucionava um aeroplano do Grupo de Esquadrilhas de Aviação, que lançou flores e ramos de oliveira sobre o monumento e a população.

O Capitão Bastos Reis, em representação dos combatentes de Arruda dos Vinhos, disse: *“a cerimónia que hoje se realiza neste concelho representa o pagamento de mais uma prestação da grande dívida moralmente contraída por todos, aqueles que não foram à guerra, para com os seus concidadãos que, para honra de Portugal, perderam a vida nos campos de batalha de África e França. É este concelho que, dentro do distrito de Lisboa, tem a honra de pagar a segunda prestação dessa grande dívida”*.



Combatentes prestam homenagem aos camaradas caídos durante o conflito.

©Foto “Loures a preto e branco”, com a devida vénia

[Curiosamente estas palavras continuam actuais, apesar de terem sido proferidas há oitenta e dois anos e passadas que foram duas guerras, e muito principalmente em relação às últimas campanhas, em que Portugal esteve envolvido em África.]

Continuando a sua intervenção, recordou os momentos duros passados em campanha, as agruras das batalhas, o matraquear das metralhadoras, os rebentamentos dos obuses, o efeito dos gases asfixiantes, que ainda, nessa altura, minavam por dentro os militares atingidos, causando-lhes a morte prematura.

Afirmou, ainda, o orador: “a delegação que ali representava viera a Loures cumprir, apenas um

dever” e incentivava os combatentes a juncar de flores, todos os anos, este monumento, em preito de homenagem e gratidão pelo sacrifício daqueles que tombaram pela Pátria Portuguesa.

Dirigindo-se às mães, dos combatente tombados, exaltou o seu sacrificio ao doarem um filho à Pátria, dizendo-lhes que eles seriam honrados pelas gerações futuras e que, para sempre, seriam lembrados como heróis.

Às crianças, instou-as a estudar a história deste país, para que conhecessem os heróis que, quando foram chamados, responderam Presente.

Usou também da palavra o Capitão Médico Bastos Reis, exaltando a memória dos que caíram na guerra, interpretando o seu sacrifício como das maiores manifestações de Amor Pátrio e à Liberdade.

Terminada a cerimónia, os convidados retiraram-se para os Paços do Concelho, onde foram obsequiados com um “copo de água”.

Desde que fizemos da zona a nossa residência habitual, e já lá vão mais ou menos trinta anos, nunca me apercebi que tivesse havido, junto a este monumento, qualquer cerimónia.

No entanto, há fotos que atestam que esses acontecimentos tiveram lugar. Os nossos camaradas de armas “avoengos”, não esqueçam que muitos dos nossos avós participaram neste conflito, aqui vinham prestar a sua homenagem aos que tinham tombado na guerra e aqueles que, lenta mas progressivamente, a morte levava para outros destinos, deixando sempre a saudade nos que ficavam.

E o pedido do Bastos Reis, o Capitão residente em Arruda dos Vinhos e que proferiu o primeiro discurso no acto de inauguração, já foi esquecido?

Sabemos que houve outras guerras – a II Guerra Mundial - na qual oficialmente não estivemos envolvidos, mas foram, na altura, destacadas tropas para as colónias, mormente Angola, Moçambique e Timor, e para as ilhas dos Açores e Cabo Verde, que se previa que fossem alvo de “cobiça” tanto pelas tropas aliadas como do eixo, para serem usadas como plataforma operacional.

Recordo, aqui e agora, num texto que escrevemos há já alguns anos, o último combatente português da I Grande Guerra a deixar-nos, com a idade de 107 anos:

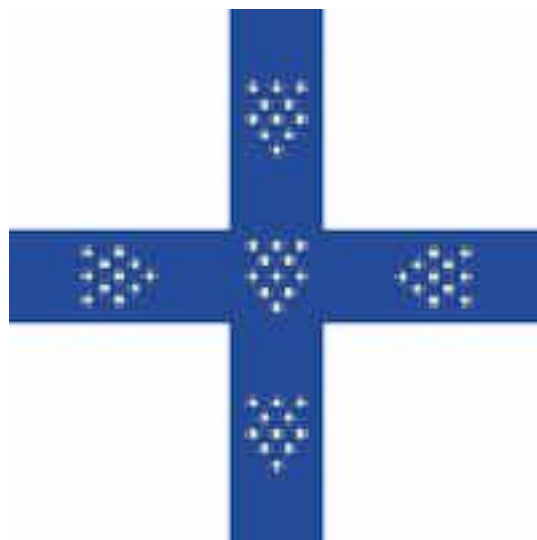
No rescaldo da Batalha de La Lys - 9 de Abril de 1918 – é feito prisioneiro, pelas tropas alemãs, o Soldado José Maria Hermano Baptista (n. 1 de Maio de 1895 † 14 de Dezembro de 2002). Durante o combate foi ferido pelo que, impossibilitado de retirar cumprindo as ordens recebidas, se manteve nas trincheiras combatendo, até que foi aprisionado. Foi transportado para o Hospital de Friedrichsfed com uma perfuração na perna esquerda e lesões no braço esquerdo. Depois de recuperado foi transferido para o campo de prisioneiros da mesma cidade, onde lhe foi atribuído o nº 97.346. De regresso a Portugal, após a sua libertação, em 4 de Agosto de 1919 passou à disponibilidade e foi promovido ao posto de 2º Sargento por feitos em combate.

Este um dos muitos exemplos daquelas que nos precederam na defesa da Pátria e nas nossas próprias famílias.

Mais tarde, entra os anos de 1961 a 1974, muitos jovens ofereceram a sua juventude, como regularmente aconteceu na história deste país, para entregarem o corpo às balas, na defesa dos valores que lhes indicavam como valores inalienáveis.

Nós, os combatentes de ontem e de hoje, também respondemos a esse apelo e vimos, e quantos de nós não foram os receptadores das suas últimas palavras, de muitos camaradas a deixarem a vida pelas terras de África.

Deste concelho, que tinha a mesma dimensão e composição quando o Monumento acima referido foi inaugurado, muitos militares partiram. Uns não voltaram; outros foram procurar novas oportunidades noutros lugares, outros ainda, aqui encontraram a oportunidade que esperavam, ou não, mas por cá ficaram.



Combatentes dos Concelhos
De Loures e Odivelas

É, pois, a esses, os que nesta terra ficaram e os que para cá vieram, que nos dirigimos. É tempo de se “dar vida” ao velho monumento, velho de quase 82 anos, de “dar cumprimento” às palavras do capitão Bastos Reis que falou na “*grande dívida moralmente contraída por todos, aqueles que não foram à guerra*” e “incentivava os combatentes a juncar de flores, todos os anos, este monumento” e, com o pensamento nos nossos camaradas

- **Florêncio Rosa Capela**, Soldado Condutor, natural da freguesia de Santa Iria Azóia, morreu devido a acidente de viação em 10 de Outubro de 1961, em Angola.
- **Fernando dos Santos**, Soldado Condutor, natural da freguesia de Sacavém, morreu devido a doença em 06 de Março de 1962, em Angola
- **Francisco José da Purificação Chaves**, Soldado Condutor, natural da freguesia de Loures, tombado em Combate em 24 de Janeiro de 1964, na Ilha do Como na Guiné.
- **Rui de Jesus Neves**, Soldado Armas Pesadas, natural da freguesia de Moscavide, tombado em Combate 15 de Abril de 1964, em Angola.
- **Vasco José Ferreira Lourenço**, Soldado Explorador Observador, natural da freguesia de Bucelas, morreu devido a afogamento no Rio Geba em 07 de Outubro de 1964, na Guiné
- **Dionísio Rocha Lourenço**, 1º Cabo Mecânico de Armas Ligeiras, natural de Pirescoxe, freguesia de Santa Iria Azóia, tombado em combate durante um ataque ao aquartelamento em 26 de Abril de 1966, na Guiné
- **Júlio António de Abranches Nascimento**, Furriel Miliciano de Infantaria, natural do lugar de Olival Basto, freguesia de Póvoa de Santo Adrião, tombado em Combate 19 de Janeiro de 1969, em Angola.
- **Arménio Anjos Gonçalves**, 1º Cabo Cavalaria, natural da freguesia de Sacavém, morreu devido a doença em 20 de Junho de 1969, em Angola;
- **Henrique Guilherme Costa Salvador**, Soldado Condutor Auto Rodas, natural do lugar de A-dos-Cãos freguesia de Loures, tombado em Combate num ataque ao aquartelamento em 17 de Novembro de 1969, na Guiné;
- **Joaquim Caetano Dias**, Soldado Atirador, natural de Ponte de Lousa freguesia de Loures, tombado em Combate 17 de Novembro de 1969. em Angola
- **Adelino da Conceição Baptista**, Soldado Infantaria, natural da freguesia de Camarate, tombado em Combate em 12 de Setembro de 1971, em Moçambique;
- **Eduardo António Carvalho Gregório**, 1º Cabo Cavalaria, natural da freguesia de Santa Iria de Azoia, tombado em Combate 17 de Novembro de 1971, em Moçambique:

- **Jorge Manuel de Oliveira António**, 1º Cabo Cavalaria, natural da freguesia de Sacavém, tombado em Combate 19 de Fevereiro do 1972, em Angola.
- **Fernando Modesto Ruas Pereira**, Furriel Miliciano Piloto da Força Aérea, natural da freguesia de Moscavide, morreu devido a acidente em 23 de Abril de 1972, em Moçambique;
- **António Luis Silva Pedro**, 1º Cabo RD, natural da freguesia de Loures, morreu devido a acidente em 19 de Março de 1973, em Moçambique;
- **Joaquim Manuel Duarte Henriques**, Soldado de Cavalaria, natural da freguesia de Odivelas, morreu devido a doença em 21 de Setembro de 1974, em Angola;

que não regressaram das Campanhas de África de 1961/1974, que sugiro nos unamos numa homenagem sentida e simples, evocando estes nossos camaradas, no Domingo dia 10 de Abril de 2011 (Domingo da Ramos), junto a este monumento, deixando uma flor, a nossa saudade e o nosso respeito.

Se as autoridades civis chamarem a si a organização desta cerimónia, sugerimos que seja uma cerimónia sem discursos, onde todos e cada um deponham as suas flores e, se houver um clarim, que toque a marcha da continência, que no final, as vozes dos combatentes, roucas pela idade e embargadas pela comoção, entoarão o Hino Nacional.

Se mais ninguém estiver presente, eu, pelas 11 horas da manhã do dia 10 de Abril deste ano, no dia seguinte ao Dia do Combatente, deixarei junto ao monumento que perpetua a presença dos Portugueses na Grande Guerra na Europa e em África, uma flor e a minha oração em memória dos que tombaram pela Pátria desde 1139, desde a vitória de D. Afonso Henriques na batalha de Ourique.

Loures, 23 de Fevereiro de 2011

José Marcelino Martins

Combatente na Guiné de 1969/1970

Morador em Odivelas

Sócio da Liga dos Combatentes nº 80.393

josesmmartins@sapo.pt